

GOTAS DA HISTÓRIA/ESPIRITUALIDADE DO IRSCM

22 E 23 DE JUNHO DE 1911 – DAS AGRURAS DE SETE LAGOAS ÀS ALEGRIAS DE UBÁ



“Nem tudo corre segundo nossos desejos”, diz Gailhac, e “imprevisíveis são os caminhos de Deus”, diz a Bíblia. Tais ditos se comprovam na saga das Pioneiras SCM no Brasil. Vieram certas de que se fixariam em Mariana-MG, e se frustraram. O Bispo Dom Silvério esperava Irmãs hospitalares, não educadoras. Sem dinheiro, e em país estranho, o que fazer?!? Contar com a caridade alheia, confiar em Deus e ser resiliente! Foi o que elas fizeram, e não foram desapontadas: as Irmãs Vicentinas as acolheram generosamente, surgiu a chance de abrirem uma escola em Sete Lagoas e para lá partiram, cheias de esperança, no dia 14 de março de 1911.

O Pe. Teófilo Sanson, pároco na cidade, entendera que iria receber religiosos. Vendo chegarem religiosas, surpreendeu-se, mas acolheu-as muito bem. Italiano de origem, abrigava já consigo uma prima e três sobrinhas. Cavaleiro, para garantir maior privacidade às sete mulheres, mudou-se para outra casa.

De Portugal, não sabendo da frustração de Mariana e julgando que as Pioneiras já estivessem alojadas e trabalhando, a Provincial enviava novas Religiosas. No dia 28 de março, chegaram quatro; em meados de abril, mais dez. A casa paroquial, embora grande, não comportava tantas pessoas. O dinheiro enviado pela Província não chegava e o salário do pároco era insuficiente para suprir as necessidades do grupo. Faltavam colchões e a comida era escassa. As Irmãs amontoavam-se pelos corredores e num galpão exterior à casa, dormindo em sacos de pano recheados de palha. Nas refeições, dividiam o pouco que havia, privilegiando as doentes ou enfraquecidas. A perspectiva de fundar um colégio tornou-se inviável, pois no local cogitado alguém morreria de doença contagiosa. As propostas de trabalho que chegavam de Ouro Preto, Itapeverica e Cataguases eram para hospitais, o que não estava nos planos das Irmãs nem era condizente com o carisma do Instituto.



Contudo, apesar da fome e do frio, das febres e dos insetos, dos choros e das diversas insuficiências, as Irmãs atuavam: davam aulas gratuitas às sobrinhas do padre, reforçavam a catequese paroquial e animavam as celebrações diárias. Sabiam rir da situação e de si próprias, lembrando de Gailhac: “Poderia a Obra de Deus firmar-se sem provações? Nunca! A cruz é o selo de Deus. O bem nunca se fez sem a cruz”.

A Ir. Maria de Aquino e Dom Silvério, por sua vez, desdobravam-se na busca de alternativas. A 12 de abril, o Bispo escreveu ao Monsenhor Paiva, de Ubá: “Chegaram da Europa algumas Religiosas, vítimas da fúria do governo português. Não tendo onde colocá-las atualmente e sabendo do seu empenho por um Colégio para meninas nessa católica cidade, pergunto se as quer aí. Consulte os homens de valor, seus amigos, e em caso afirmativo mande dinheiro para a viagem delas, porque em Sete Lagoas elas estão à mingua do necessário”. A resposta veio no mesmo dia, por telegrama: “Aceito Religiosas, presente Céu. Remeti necessário Sete Lagoas. Segue Carta.”

Com tal resposta e o dinheiro em mãos, no dia 13 de maio as Irs. Maria de Aquino e Maria de Assis foram a Ubá. Ficaram hospedadas na casa paroquial, conheceram “homens de valor” e encantaram-se com a devoção do povo ubaense a Nossa Senhora. Analisaram as condições oferecidas para a fundação do Colégio e no dia 15 regressaram a Sete Lagoas, tendo já combinada a data em que retornariam definitivamente: 22 de junho.



Assim combinado, assim feito. No dia 22 de junho de 1911, do trem que chegou à cidade às 16h30, desembarcaram as Irs. Maria de Aquino, Maria de Assis, Santa Fé, São Leão e Elisa. Uma multidão as acolheu. Ecoaram vivas calorosos e a banda tocou vibrantes peças musicais. Políticos discursaram. Houve caminhada até a Igreja Matriz onde, à entrada, uma chuva de flores caiu sobre as recém-chegadas. Entoou-se o Te Deum, seguido da bênção do Santíssimo.

O dia seguinte, 23, festa do Sagrado Coração de Jesus, foi propositalmente escolhido para a solene inauguração do primeiro Colégio SCM em terras brasileiras. O Dr. Levindo Coelho, que cedeu a casa para a “Escola Normal” e sempre foi grande amigo e benfeitor das RSCM, dizia: “O Coração de Jesus é quem nos traz o Coração de Maria!” O início das aulas foi marcado para 1º de julho, sete dias depois. Dez carteiras, um mapa-mundi e alguns outros objetos, doados pela Sra. Regina Godinho, era tudo o que havia. A Ir. Maria de Assis seria a Diretora e as Irs. Santa Fé e São Leão as professoras. “Deus olhou, e viu que tudo era muito bom”. Um novo horizonte se descortinava!

Redator: Waldemar Bettio (CAEP)